



Democracia ecológica radical e soberania dos povos indígenas: alternativas anticapitalistas no Sul Global

Nathália Santos Ferreira¹

Resumo: O presente trabalho propõe um olhar sobre as consequências e, principalmente, as alternativas ao desenvolvimento capitalista, aprofundado pelo neoliberalismo, nas regiões do mundo que foram exploradas em processos históricos de Colonização e Imperialismo. Há, desde meados da segunda metade do século XX, uma expansão de tentativas do capitalismo para se adaptar à crise climática. Porém, como poderia o causador da mesma crise promover alguma medida eficaz às suas causas? Pensando nessa questão e a partir da concepção de Sul Global, são analisadas duas estratégias contrárias ao desenvolvimento: o Eco - swaraj e o Exército de Libertação Nacional Zapatista. Argumenta-se que tais movimentos podem ser enxergados como uma resposta ao progresso que a longa duração colonizadora tenta impor às diversas maneiras dos povos originários (do campo e da cidade) experienciarem a vida e se relacionarem com a natureza. Ademais, é buscada a compreensão das características específicas de cada proposta anticapitalista, pensando-as como potentes agentes de transformação da dinâmica predatória do modo de produção econômica capitalista. Para tanto, utilizam-se pesquisas dentro da História Global e Ambiental bem como nos Estudos Subalternos e áreas próximas. Escolhas aprofundadas pelo foco na problematização do desenvolvimento capitalista e da exploração humana e da natureza.

Palavras-chave: Sul Global. Pós - desenvolvimento. Anticapitalismo. Autonomia zapatista. Eco-swaraj.

O presente trabalho propõe um olhar sobre os desdobramentos e, principalmente, as alternativas ao desenvolvimento capitalista, aprofundado pelo neoliberalismo, nas regiões do mundo que foram exploradas em processos históricos de Colonização e Imperialismo. É importante demarcar a concepção aqui reivindicada de desenvolvimento, se trata da noção emitida por Alberto Acosta na qual o autor identifica tal fenômeno como insustentável e um dos responsáveis por aprofundar os abismos sociais com promessas de um desenvolvimento inatingível para a maioria (ACOSTA, 2016).

A discussão está alinhada, também, à problematizações acerca do desenvolvimento econômico como as encontradas nas obras de Ailton Krenak:

Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram

¹ Mestranda em História no Programa de Pós – Graduação da Universidade Federal da Integração Latino - americana (UNILA), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: nathaliasan_12@hotmail.com.



meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, Ásia ou na América Latina. São caíçarás, índios, quilombolas, aborígenes - a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. “Vamos separar esse negócio aí, gente e terra, essa bagunça. É melhor colocar um trator, um extrator na terra. Gente não, gente é uma confusão. E, principalmente, gente não está treinada para dominar esse recurso natural que é a terra.” Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar? (Krenak, p. 21-22, 2019).

Diante do trecho acima, podemos chegar ao que aqui se identifica como alternativas ao desenvolvimento capitalista. Para tanto, utilizam-se as problematizações e proposições do Exército Zapatista de Libertação Nacional e da Democracia Ecológica Radical (Eco – swaraj) presentes nas publicações de diversos formatos que podem ser encontradas em sites como o Enlace Zapatista, o Centro de Documentación Zapatista e o VikalpSangam. Fontes aqui entendidas como meios que possibilitam identificar e compreender as alternativas às críticas desta pesquisa.

Ademais, é buscada a análise das características específicas de cada movimento, aqui localizados como anticapitalistas. Reflete-se sobre tais experiências como potentes agentes de transformação da dinâmica capitalista na medida em que propõem a visão Zapatista de tornar possível um mundo onde caibam outros mundos (PLURIVERSO, 2021) e confrontam as alternativas falsas à crise socioecológica em que vivemos (BRAND; WISSEN, 2021). Para tanto, recorre-se às pesquisas dentro das humanidades, sobretudo na História Social, com ramificações nas áreas do Global e Ambiental bem como nos Estudos Decoloniais. Escolhas aprofundadas pelo foco na problematização do (pós) desenvolvimento capitalista e da exploração humana e da natureza.

A História do Tempo Presente é um campo de trabalho que parece ser cada vez mais frequente nas pesquisas em História. Isso pode ser explicado pelas questões que se mostram urgentes à sociedade atual: a crise climática, o (ab)uso dos recursos naturais, o neoliberalismo e a precarização do trabalho, entre outros temas impulsionadores da reflexão sobre tal cenário e da busca de sua transformação.

Esta é uma realidade que justifica um dos objetos da pesquisa ser o movimento social zapatista e localiza a mesma em um esforço que vai de encontro à proposição do historiador



Josep Fontana, quando este nos provoca a “seguir nos metendo nos problemas do nosso tempo” (FONTANA, 1998, p. 36 - 37). Na esteira desse campo teórico - metodológico há como referência, ainda, um diálogo com as reflexões de Eric Hobsbawm em seu trabalho “Sobre História”, ensaios nos quais o historiador reflete sobre os desafios de se trabalhar com a história do tempo presente. Uma vez que nesta perspectiva, o lugar como sujeito político do/a historiador/a se apresenta por vezes de maneira mais central e evidente (HOBSBAWM, 1998, p. 17).

É nesse sentido que outros autores como Kothari, Salleh, Escobar, Demaria, Acosta, Brand, Wissen, Alkmin, Arruzza, Bhattacharya, Fraser, Marx, Engels e Gandhi contribuem grandemente para o debate sobre as alternativas sociais e econômicas possíveis para enfrentar o desafio global que tem se colocado diante de nós; em séculos de exploração dos recursos da terra e da mão de obra dos seres humanos. Uma exploração que não se limita ao Sul Global, mas que marca esta região do mundo de maneira específica através da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) que segue vigente.

Para problematizar a maneira com que o neoliberalismo acelerou o uso de recursos naturais e as desigualdades sociais, mediante a adoção de novas roupagens tais como o surgimento de falsas alternativas a exemplo da Economia Verde (BRAND; WISSEN, 2021), é preciso utilizar as produções das autoras e autores citados que possibilitam o conhecimento e apropriação de termos caros a esta proposta de análise histórica. Dentre os termos apropriados estão: o Swaraj e o Eco - Swaraj (Democracia Ecológica Radical), Desenvolvimento, Modo de Vida Imperial, Pluriversos, Autonomia Zapatista, Racismo Ambiental, Feminismo para os 99%, Bem Viver e Colonialidade.

Com esse arcabouço teórico pode-se abordar a temática com segurança, pois se tratam de produtos de um trabalho prático-intelectual que não está limitado à tentativa de analisar experiências reais (e em andamento). Isto porque o referencial teórico da presente pesquisa está permeado por autoras e autores que denunciam, através da produção científica, aquilo que referências como Gandhi também denunciavam em meados do século XIX.

Práticas anticapitalistas e pós-desenvolvimento: diálogos entre movimentos localizados na chave das “alternativas radicais”

A modernidade não se mostra compatível com uma postura ética do ser humano consigo mesmo, com o meio ambiente em que vive e com os outros. Este seria o princípio do swaraj: autogoverno de si para alcançar o autogoverno para todos (GANDHI, 2010), uma alternativa radical (portanto, de autonomia) que conversa diretamente com o zapatismo - e outras práticas ao redor do mundo - conforme pontuado por Kothari *et al* ao analisarem uma comunidade autônoma na região da Caxemira:

“It would also be useful to understand the word ‘autonomy’ here, since it figures explicitly in the Ladakh case. The original meaning of the word, autonomous, from its Ancient Greek roots, comes from auto (self) and nomos (law). Hence when combined it means ‘one who gives oneself one’s own law’. The standard dictionary definition of autonomy is a self-governing community. Various indigenous and community movements like the Zapatista in Chiapas state of Mexico, or the Kurds in the transboundary region of Syria, Turkey, Iraq and Iran have conceived of autonomy as their right to self-determination, governing themselves according to their own political, socio-cultural, ecological, economic context and their spiritual or ethical value systems. Gandhi’s notion of swaraj, more comprehensive than autonomy, focuses on self-rule of political as well as individual’s spiritual freedom, in responsibility to the freedom and self-rule of others.” (KOTHARI *et al*, 2019, p. 4).

É com esta chave de pensamento que vamos de encontro às alternativas expostas pelos autores de *Pluriverso - Um dicionário do pós-desenvolvimento*. As alternativas ao capitalismo e à crise climática que coloca este modelo econômico no meio de mais uma de suas crises periódicas são vastas e possuem sujeitos centrais que já não podem ser desconsiderados pela História. Uma vez que teorias formuladas por intelectuais latino-americanos no início da década de XX (FUNES, 2006, p. 137) - as quais colocavam tais atores sociais como “os outros” da nação - não se sustentam nos debates dentro da História Social e do Tempo Presente.

O que torna a utopia de um mundo com a diversidade em detrimento à civilização uma possibilidade palpável, pois “acreditar que aquilo que não aconteceu na história não acontecerá significa afirmar o ceticismo com respeito à dignidade humana” (GANDHI, 2010, p. 68).

Em relação aos sujeitos históricos das alternativas radicais apresentadas pelo referencial em questão, as mulheres são essenciais e mostram sua força nas fazendas comunitárias de Bangladesh (KOTHARI, 2020), nos protestos contra as construções de usinas hidrelétricas na Índia (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019), na ação ativa

dentro do Exército de Libertação Nacional Zapatista, a exemplo de lideranças como a Comandanta Ramona e outras mulheres zapatistas presentes nos Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas.

Por compreendermos que a crise climática, ou socioecológica, atinge diretamente as mulheres, é fundamental endossarmos a presença feminina na política. Nas eleições presidenciais de 2017, no México, María de JesúsPatricio foi a primeira mulher indígena a disputar o cargo de presidência da república; isso foi possível graças à larga luta dos povos indígenas presentes nas diversas regiões do México. Sendo, àquele momento, o apoio à candidata uma estratégia política adotada pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional².

A questão de gênero fica ainda mais clara no feminismo de esquerda defendido pelas autoras do livro *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Para elas, o tempo presente é marcado por uma crise sem precedentes na história do capitalismo. Pois, como pode ser bem explorado ao longo das 11 Teses e do posfácio, o capitalismo, hoje, e conforme mencionado anteriormente, se encontra no cerne de uma crise generalizada. A crise não é apenas econômica, e não pode ser compreendida apenas como uma consequência da última grande crise de 2008, ela é também uma crise social, do trabalho, e, principalmente, ecológica. Isto é: uma crise socioecológica.

A partir de meados da segunda metade do século XX, houve um alargamento de tentativas do modo de produção capitalista para se adaptar à crise climática. Porém, como poderia o agente da mesma crise promover alguma medida eficaz às suas causas? Pensando nesta questão e a partir da concepção de Sul Global, é que se afirma a potência das experiências aqui analisadas como práticas que contrariam o desenvolvimento. Argumenta-se que tais movimentos podem ser enxergados como uma resposta ao progresso que a longa duração (BRAUDEL, 1965) colonizadora tenta impor às diversas maneiras dos povos originários (presentes nos campos e nas cidades) existirem e se relacionarem com a natureza.

É possível tecer uma aproximação entre dois movimentos sociais localizados na Índia e no México? Com o uso do conceito geopolítico de Sul Global podemos afirmar que sim. E não apenas possível, mas desejável uma vez que algo liga fortemente estas duas regiões do mundo. Falamos de sociedades marcadas pelo colonialismo europeu e a tentativa de assimilação e apagamento das práticas ancestrais através do imperialismo econômico, mas

² Para maior conhecimento sobre María de JesúsPatricio e sua participação nas eleições e política mexicana, recomenda-se o documentário “La Vocera” (disponível em streaming).

também cultural (GALEANO, 2015); dentro de uma estrutura que pode também ser compreendida como modo de vida imperial (BRAND; WISSEN, 2021).

Diante disto, entende-se que ações de rotina, do cotidiano, são perpetuadoras do modo de vida imperial. O que permite entender porquê as contraposições de Gandhi à modernidade fazem sentido e podem ser relidas de acordo com o contexto histórico. A mudança estrutural da sociedade está atrelada à subversão da hegemonia (BRAND; WISSEN, 2021) dentro dos indivíduos. Assim, o swaraj (autogoverno individual e coletivo) de cada um se liga à estrutura e conversa com alternativas distintas perpassadas por uma utopia comum: alcance da vida digna em correlação com a natureza.

A colonização britânica da Índia pode ter ocorrido posteriormente à colonização espanhola no México, mas as marcas do que Aníbal Quijano identificou como a citada categoria de colonialidade do poder são evidentes para olhos treinados pela lente da História. Nesse sentido, as tensões produzidas não apenas no campo social e econômico, mas ambiental, também geraram movimentos que estão interligados pela busca por uma autonomia cerceada pelos séculos de colonialidade (QUIJANO, 2005).

É na esteira destas problematizações que eclode, em 1994, o Exército Zapatista de Libertação Nacional. Um movimento social de caráter indígena que reivindica o direito às terras camponesas no Estado de Chiapas e que retoma a memória histórica da Revolução Mexicana, através da figura de sujeitos históricos de liderança popular como Emiliano Zapata.

O contexto de surgimento do EZLN ocorreu após uma guinada ao neoliberalismo pelo governo mexicano na busca por acordos de livre comércio e planos de integração econômica regional como o Plan Puebla Panamá; projeto de integração para a América Central, onde grandes obras vinculadas aos setores de energia, petróleo e transportes seriam realizadas desde o Sul do México até o Panamá (ALKIMIN, 2015).

Diante do cenário de intensificação do neoliberalismo, a experiência dos zapatistas têm buscado o reconhecimento da autonomia do Estado Zapatista dentro do México, para isso é apropriado o poder do território para disputar espaço na democracia mexicana (ALCKMIN, 2015). Fator elucidativo das falhas dentro do sistema político que conhecemos como democracia, ao menos em seu aspecto liberal, importada de outras regiões do mundo.

Ademais, se *Outros Mundos* (EZLN) têm sido pautados diante da crise econômica, humanitária e ambiental em que estamos inseridos; é papel das/dos historiadoras pensar sobre tais propostas. Por fim, destaca-se a importância dos Arquivos para o ofício das/dos

historiadores, o que, aqui, se mostra transposto do *modus operandi* oficial para um Arquivo independente e localizado na Internet, com manutenção tanto do EZLN quanto de suas bases de apoio na sociedade civil.

Em sentido semelhante, Eco - *swaraj* objetiva sua própria autonomia e soberania. Sendo uma forma de organização dos povos originários e camponeses que busca encorajar os cidadãos a participarem e tomarem decisões em conjunto, ultrapassando a noção moderna de democracia e dialogando com o *hindswaraj* de Gandhi. Nesse sentido, a modernidade e suas faces de civilização, progresso e Estado-nação, deixam de serem imposições aceitas sem questionamentos e vão de encontro ao que Gandhi denunciou como um grande mal para a Índia do século XIX.

De acordo com Kothari – umas das principais referências na temática sobre democracia e alternativas radicais ao redor do globo – alternativas tais como o eco-*swaraj* repensam o aprendizado, a educação, a mídia, as artes e a tecnologia. Isso porque o coletivo conduz o uso de meios de comunicação e o ensino. Uma realidade que, mais uma vez, está muito próxima à dos zapatistas. Vê-se um exemplo histórico próximo destas ações nos documentos produzidos na *Escuelita Zapatista*, um evento que ocorreu entre os anos de 2013 e 2014 com o intuito de ensinar à sociedade civil as experiências e desafios da autonomia zapatista.

O Eco - *swaraj* admite diversas maneiras de viver e abraça as alternativas radicais ao longo do mundo: tecendo uma circulação de ideias e de práticas que nos permite realizar esta aproximação histórica do presente trabalho. Além disso, a democracia ecológica radical prevê “os coletivos e as comunidades no centro do governo e da economia.” (KOTHARI, 2021).

No contexto pré e decorrer da pandemia de Covid – 19, as alternativas radicais demonstraram, ainda com base em Kothari (2021) grande êxito. Exemplo disso foi a revitalização de vilas na localidade de Kudumbashree – Kerala, como uma medida para evitar o êxodo rural (Kothari, 2021). De maneira análoga, a prática de um autogoverno indígena em Mendhaleka – Maharashtra demonstra a possibilidade de uma realidade onde todas as decisões são tomadas através do consenso; com êxitos como a conversão de terras privadas em comunitárias (Kothari, 2021).

Práticas que conversam diretamente com a autonomia zapatista que se organiza através de redes geográficas e de comunicação, além de promover dentro do que os membros do movimento chamam de *Caracóis* (as áreas zapatistas) a própria educação através de escolas,



atendimento médico em postos garantido pelos zapatistas, e subsistência tanto na agricultura familiar quanto na produção de grãos como o café para exportação (ALKIMIN, 2015).

Ambos os lugares aqui citados, dentro da região do Sul Global, lidam com extrativismos que impactam decisivamente a permanência dos sujeitos que ousam rebelar-se contra a visão única do mundo pautada no progresso. O que comprova um fio social e ambiental que une as alternativas radicais ao longo do planeta - ainda que aqui nos concentremos nas referidas experiências do Sul global - e endossa o pensamento de Ailton Krenak, em *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*, onde o filósofo indaga se a humanidade de fato engloba todas as diversidades (KRENAK, 2019).

Considerações finais

Considerando os apontamentos de Marx e Engels, em obras como os *Manuscritos Econômicos Filosóficos* (1844) e *A Ideologia Alemã* (1845 - 46), nas quais os filósofos denunciavam a impossibilidade de dissociar o homem da natureza; podemos agora aprender diretamente com práticas de base, muitas vezes ancestrais, localizadas como utopias possíveis (KOTHARI, 2020) de uma sociedade verdadeiramente sustentável.

É nesta perspectiva que inserimos os objetos desta pesquisa. Quando nos deparamos com imagens dos integrantes do zapatismo, é como se, por trás dos capuzes, todos fossem donos dos mesmos olhos. E se todos possuem os mesmos olhos, é pouco provável cogitar que se possam fechá-los definitivamente. Do mesmo modo, povos tribais (termo utilizado para identificar os povos originários da Índia) resistem à imposição da civilização e do progresso modernos há séculos.

Portanto, as alternativas radicais dos dois movimentos aqui brevemente localizados e debatidos, com o referencial mobilizado, se apresentam como ações ativas de comunidades que vivenciam claramente os efeitos danosos de um modo de vida imperial (BRAND; WISSEN, 2021) que têm demonstrado ser nocivo para a manutenção da vida e da natureza. Por fim, reforça-se o caráter global de tais movimentos na medida em que consideram problemáticas planetárias que são repensadas a níveis locais.

O que conversa diretamente com a urgência de se refletir acerca da terra, do território e das territorialidades:

A superação das desigualdades é inescapável. A descolonização e a despatriarcalização são tarefas fundamentais, tanto quanto a superação do



racismo, profundamente enraizado em nossas sociedades. As questões territoriais requerem urgente atenção. (ACOSTA, 2016, p. 27).

Em Julho de 2023 podemos atestar exemplos claros do desenvolvimento na vida cotidiana, e o descontentamento dos sujeitos sociais frente ao progresso desenfreado. Moradores de Volta Redonda, no Rio de Janeiro, se queixam da fuligem que invade suas casas e seus pulmões devido à ação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) (TRIGUEIRO; MARTINEZ, 2023). Ainda que este exemplo não se coloque na esteira das alternativas radicais, ele mostra a urgência das demandas climáticas e como a população de caráter pobre e racializado é a que mais sofre os efeitos das produções do modo de vida imperial na fase atual do capitalismo.

Referências

ALKMIN, Fabio Marcio. **Territórios autônomos zapatistas**: esboços de uma geografia alternativa. In: Por uma geografia da autonomia: a experiência de autonomia territorial zapatista em Chiapas, México. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2015.tde-09062015-120421. Acesso em: 2023-07-09.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Tradução: Regina Candiani. Boitempo: São Paulo, 2019.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver, uma proposta global**. In: O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos/Alberto Acosta; tradução de Tadeu Breda.– São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. **Falsas alternativas**: da economia verde ao capitalismo verde. In: Modo de vida imperial. Editora Elefante, 2021.

GANDHI, M. K. **HindSwaraj**: Autogoverno da Índia. Fundação Alexandre de Gusmão. 2010.

KOTHARI, A. **Democracia Ecológica Radical**. In: Pluriverso. Um dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante, 2021.

KOTHARI, Ashish. **Eco-swaraj - Radical Ecological Democracy**: Towards a Sustainable, Equitable World. YouTube, 25 de fevereiro de 2021. 1 vídeo (1hr e 11min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EcMeuauOUiE&t=2834s>>. Acesso em: 26. jun. 2019.



KOTHARI, Ashish, BAJPAI, Shrishtee, and PADMANABHAN, Sujatha. 2019. **Ladakh Autonomous Hill Development Council-Leh (India), How democratic, how autonomous?** Kalpavriksh, Pune.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEYVA-SOLNA. Xochitl. **Autonomía zapatista**. In: Pluriverso. Um dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante, 2021.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires. CLACSO, 2005.

TRIGUEIRO, André; MARTINEZ, Rafael. 'Pó preto' da CSN: a poluição que se espalha por Volta Redonda, afeta a saúde de moradores e deixou de ser fiscalizada pelas autoridades. **G1 Rio de Janeiro**. 13, Jul, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/07/13/po-preto-da-csn-a-poluicao-que-se-espalha-por-volta-redonda-afeta-a-saude-de-moradores-e-deixou-de-ser-fiscalizada-pelas-autoridades.ghtml>>. Acesso em: 18, Dez, 2023.